

JAMES OCTÁVIO DA SILVA PAULO

**AMEAÇA DE ESTEREÓTIPO: EFEITOS DA
IDENTIDADE RACIAL, PERCEÇÃO
INTERGRUPAL E SEXO**

Disciplina: Dissertação de tese

Orientador: Rodrigo Reis Brito

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Psicologia e Ciências da Vida**

Lisboa

2014

JAMES OCTÁVIO DA SILVA PAULO

**AMEAÇA DE ESTEREÓTIPO: EFEITOS DA
IDENTIDADE RACIAL, PERCEÇÃO
INTERGRUPAL E SEXO**

Disciplina: Dissertação de tese

Trabalho apresentado para a obtenção de grau de Mestre no
Curso de Mestrado de Psicologia do Trabalho em Contextos
Internacionais e Interculturais conferido pela Universidade
Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Orientador: Professor Doutor Rodrigo Reis Brito

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Psicologia e Ciências da Vida**

Lisboa

2014

Dedico esta dissertação à minha mãe, Joana Paulo, pelo amor incondicional e pelo suporte que ela sempre foi para mim, e à minha namorada, Joana Ramos, que foi uma grande fonte de inspiração e de apoio e pelo amor que me deu durante tudo este processo. Obrigado, mais uma vez amor!

Agradecimentos

Finalmente, está terminada!

Este é o momento em que queremos agradecer a tudo e a todos, mas esquecemos sempre de alguém. Eu com certeza que sim, mas fica desde já o meu agradecimento a todos os “esquecidos”.

Começo por agradecer à minha família que tanto me apoiou. Em especial à minha mãe Joana Paulo, que foi o maior apoio da minha vida. Apoiou, incentivou, financiou a maior parte dos meus estudos e deu carinho e compreensão quando outros não deram. Agradeço também ao meu pai, Esteves Paulo, que com a sua autoridade paternal, deu-me disciplina e incentivo pela cultura. Não poderia não agradecer aos meus irmãos cassulas¹, Marisa, Gomes e Ginga, por verem no irmão uma referência e motivo de orgulho, apesar de muitas “makas”² típicas de irmãos.

Não posso deixar de agradecer a minha namorada, Joana Ramos, pela ajuda no recrutamento de participantes, complicada diga-se de passagem, pelos constantes incentivos quando as coisas pareciam mais complicadas, pelo orgulho que tem em mim, pelo amor que me transmite todos os dias e por ser a minha alegria. Obrigado amor!

Gostaria também de agradecer à Joana Ferreira, pelos cinco anos de companheirismo, de partilhas de tudo e mais alguma coisa. O meu muito obrigado Sardas!

Quero agradecer também ao Nuno Santos, Agri, pela amizade, ensinamentos, conselhos e ajuda preciosa nesta reta final.

Agradeço agora a todos os meus professores, em especial aos da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Um especial obrigado a professora Maria João Silveira, ajudou-me muito a pensar “fora da caixa”, ao professor João Taborda, pelos seus constantes alertas sobre os “paraquedistas” e sobre o quão importante e recompensador trabalharmos, ao professor Paulo Lopes, pelas luzes e fornecimento de algumas das medidas utilizadas para a realização deste estudo. Por fim ao meu orientador, professor Rodrigo Brito, por ter demonstrado desde o início confiança em

¹ Termo angolano para irmão mais novo ou “o mais novo”.

² Termo angolano que significa discussão, briga e sinónimos.

James Octávio da Silva Paulo – Ameaça de estereótipo: efeitos da identidade racial,
percepção intergrupale sexo

mim e nas minhas capacidades e pelo seu conhecimento que foi uma grande ajuda para
fazer desta dissertação um trabalho do qual me sinto muito orgulhoso.

A todos os meus sinceros e profundos agradecimentos.

Resumo

Quando pertencemos a um grupo socialmente estereotipado, o nosso desempenho pode ser afetado. Em situações em que esse estereótipo é saliente, muitas das vezes isso resulta no deslocamento do desempenho na direção desse estereótipo. Por exemplo, os afro-americanos desempenham pior quando pensam que estão a ser avaliados do que quando pensam que não estão. Esta dissertação pretende explicar esse efeito, conhecido como efeito da ameaça de estereótipo sobre o desempenho intelectual. Para isso, testei o efeito clássico e experimentei articular esse efeito com a ansiedade, a identidade racial e com os modelos relacionais que as pessoas usam nas relações com brancos e negros, como mediadores potenciais deste fenómeno. Os resultados mostram, contrariamente ao esperado, a existência do efeito da ameaça de estereótipo apenas nos participantes brancos, nos quais interage com o sexo: as mulheres desempenham pior na condição de ameaça e, ao invés, os homens desempenham melhor nessa condição; não se tendo verificado o efeito da ameaça de estereótipo nos participantes negros. Verificou-se também que a ansiedade-estado é um preditor do desempenho do PMAE e o modelo relacional de Autoridade, também, é um preditor da ameaça nos participantes negros.

Palavras-chave: ameaça de estereótipo, desempenho intelectual, ansiedade, identidade racial, teoria dos Modelos Relacionais.

Abstract

When we belong to a stereotyped social group our performance can be affected. In a situation in which the stereotype the important, performance shifts in the direction of stereotype. For example, African-Americans performance worse when they think they are being evaluated than when they think they are not. This dissertation aims to explain this effect, known as the effect of stereotype threat on intellectual performance. I will articulate this effect with anxiety, racial identity, and the relation models people use with Whites and Blacks, as potential mediators of this phenomenon. The results show, contrary to expectations, the existence of the effect of stereotype threat only in white participants, in which it interacts with gender: men have a better performance in threat condition than in non-threatening, and women have a worse performance in threat condition, whereas men perform better; and there was no effect of stereotype threat on Black participants. Results also show that state anxiety is a predictor of the performance of PMAE, but was not affected by threat, and the proportion of subordinate relations with Whites was a predictor of threat for Black participants.

Keywords: stereotype threat, intellectual performance, anxiety, racial identity, Relation Models theory.

Lista de abreviaturas

DP – Desvio padrão

M – Média

MANOVA - Análise multivariada de variâncias

Max – Máximo

Min – Mínimo

TMR – Teoria dos Modelos Relacionais

PMA – Aptidões Mentais Primárias

PMAE – Aptidões Mentais Primárias – fator espacial

PMAVF – Aptidões Mentais Primárias – fatores verbal e fluência verbal

SPSS - Statistical Package for Social Sciences

Índice Geral

Introdução	11
Método	21
Resultados	28
Discussão de resultados	32
Conclusão.....	34
Bibliografia	34

Índice de tabelas

Tabela 1 – Análise da normalidade da distribuição.	28
---	----

Introdução

1.1 A ameaça de estereótipo

A ameaça de estereótipo é um efeito que se traduz no medo de confirmar um estereótipo ou uma característica negativa sobre o grupo a que pertencemos, e quando pertencemos a um grupo negativamente estereotipado em situações de avaliação o nosso desempenho é negativamente afetado. A literatura indica que o fenómeno é robusto, tendo sido replicado em vários países e com vários grupos (por exemplo, Aronson et al., 1999; Spencer, Steele, & Quinn, 1999; Shih, Pittinsky, & Ambady, 1999). Vários autores abordam este fenómeno, definindo-o de diversas formas. Mas para podermos perceber este fenómeno, tão complexo, teremos primeiro de perceber a ideia de estereótipo.

Segundo Hamilton e Trier (1986) os estereótipos são estruturas cognitivas que contêm os nossos conhecimentos e expectativas, e que determinam os julgamentos e avaliações, acerca de grupos e dos seus membros. Estes julgamentos são normalmente associados ao género, aparência física, “raça”, origem social, nacionalidade, etc. O conceito de estereótipo surgiu em 1932 por Lippmann, no seu livro “A opinião pública”. O autor afirma que “o sistema de estereótipos poderá constituir o cerne da nossa tradição pessoal, as defesas da nossa posição na sociedade” (Lippmann, 1992, p. 59 *cit in* Marques & Marques, 2003). Allport (1954) argumentou que os estereótipos “são um processo não apenas normal como também necessário”, e que “as categorizações começam por ser etiquetas psicológicas até tornarem a categorização social independente da estrutura do mundo físico” (Allport, 1954 *cit in* Vala & Monteiro, 2006). Para Tajfel (1969) os estereótipos não são invenções do indivíduo isolado, mas estão ligados aos valores sociais vigentes. Outra definição na literatura sobre os estereótipos é de que estes são crenças que nos são transmitidas socialmente, o que explica o consenso existente em relação aos grupos sociais, à sua independência do conhecimento real dos membros desses grupos e à sua dependência do contexto histórico e cultural (Katz & Braly, 1933). Mais recentemente, Major e O’Brien (2005) descrevem os estereótipos como uma “disposição de desacreditar”, que estão associados a uma identidade socialmente desvalorizada. Considerando todas estas definições, podemos definir o estereótipo como uma atribuição de traços e características a membros de um determinado grupo.

Para nos podermos debruçar sobre a ameaça de estereótipo, devemos entender ainda outros três conceitos: as relações intergrupais, a identidade social e a auto categorização.

As relações intergrupais são situações em que os indivíduos deixam de ser avaliados e de se comportar enquanto ser único e passam a ser avaliados e comportar-se enquanto membros de um grupo a que pertencem ao se relacionaram com membros de um outros grupo. Sherif (1967) dizia que podemos falar de relações intergrupais quando membros de um grupo interagem de forma individual ou coletiva com um outro grupo, os quais por sua vez também interagem entre si de forma individual ou coletiva, em termos da sua identificação grupal.

A identidade social é outro dos conceitos importantes para entender o fenómeno de ameaça de estereótipo. Tajfel e Turner (1978) definiram identidade social como a parte do autoconceito de uma pessoa que surge do seu conhecimento de pertença a um grupo social, ou grupos sociais, e que o sentimento de pertença a esses grupos possui um significado e um valor emocional para o indivíduo: “É o conhecimento individual que o indivíduo tem do facto de pertencer a determinados grupos sociais com, ao mesmo tempo, as significações emocionais e os valores que estas dependências de grupo implicam com ele/ela.” (Tajfel, 1978). Por outras palavras, a teoria de Tajfel sobre a identidade social diz-nos que é a identidade social que desempenha ao nível do indivíduo o papel de orientador para a ação coletiva.

Por fim, a teoria de auto categorização, que deriva da teoria da identidade social, propõe que quanto mais os indivíduos se identificam com o seu grupo, mais facilmente a sua identidade grupal é ativada cognitivamente na presença de situações relevantes para a sua identidade (Turner et al,1987). Nessa teoria, o Eu (self) é composto por várias categorizações que variam em termos de inclusividade (pessoa – grupos sociais – humanidade). A teoria afirma “que os indivíduos tornam-se num grupo não essencialmente porque desenvolvem relações pessoais baseadas na satisfação mútua das suas necessidades mas porque realizam uma categorização social comum de si mesmos em contraste com os outros, uma percepção partilhada do ‘nós’ oposta ao ‘eles’” (Turner, 1987). O auto conceito abrange várias componentes, ou seja, cada pessoa tem múltiplos conceitos de si própria. É importante salientar que o auto conceito depende da situação, isto é, as categorizações só se tornam salientes e visíveis quando são úteis (Turner et al., 1987).

A ameaça de estereótipo é um efeito robusto na literatura. Foi descoberto por Steele e Aronson (1995). Os autores procuravam perceber se e como os estereótipos teriam efeitos sobre o desempenho intelectual e identidades dos membros de determinados grupos. O estudo consistia em colocar a estudantes universitários brancos e negros algumas questões com um grau de dificuldade elevado. Numa das condições experimentais, os participantes eram informados que estavam a realizar um teste para medir as suas capacidades intelectuais. Noutra condição experimental, os participantes eram informados que estavam a realizar um simples exercício de diagnóstico. Quando em situação de ameaça, na qual eram informados que as suas capacidades intelectuais iriam ser medidas, os estudantes negros tinham um desempenho pior do que os seus colegas negros que estava numa situação de não ameaça (informados que estavam a realizar um simples exercício). Para os estudantes brancos, estar numa ou noutra das condições não afetava o seu desempenho. Assim, os autores interpretaram estes resultados como indicando um efeito de ameaça de estereótipo quando sujeitos à avaliação entre os estudantes negros, mas que isso não acontecia com os estudantes brancos nas mesmas condições. Por outras palavras, os estudantes negros teriam desempenhado pior porque sentiam medo de confirmar uma característica ou um estereótipo negativo sobre o próprio grupo (Steele & Aronson, 1995).

Este estudo inspirou outros autores a testar o efeito da ameaça de estereótipo em diversos grupos e nas mais variadas tarefas. Por exemplo, Gonzales, Blanton e Williams (2002) descobriram que quando informados que estavam a realizar um teste de inteligência, as mulheres latinas tinham desempenhos piores comparativamente aos restantes participante. Outro exemplo é o estudo de Spencer, Steele e Quinn (1999); os autores descobriram que as mulheres tinham piores desempenhos que os homens em testes de matemática, mas que isso só acontecia quando eram informadas que no passado os homens se superiorizavam a elas.

A ameaça de estereótipo é uma ameaça situacional. Afeta os membros de grupos negativamente estereotipados, mas apenas quando avaliados em dimensões relevantes: tendem a ter medo de confirmar esse estereótipo negativo, o que resulta num mau desempenho (Steele & Aronson, 1995). Por outras palavras, a ameaça de estereótipo refere-se ao facto de que cada indivíduo dum determinado grupo social “ter de lidar com a possibilidade de ser julgado ou tratado de forma estereotipada, ou fazer algo que confirme esse estereótipo” (p. 401 Steele & Aronson, 1998), ou de forma mais geral ao

sentimento de ameaça psicológica de se confirmar um estereótipo negativo sobre o grupo a que se pertence (Steele, Spencer & Aronson, 2002). O simples facto de pertencer a um grupo estereotipado pode afetar o desempenho em tarefas relevantes para esse estereótipo, especialmente quando a identidade grupal e a associação ao grupo estereotipado é realçada; nessas situações o desempenho desloca-se na direção desse estereótipo (Armenta, 2010). A ideia geral da ameaça de estereótipo é de que o desempenho membros de grupos estereotipados piora em tarefas de avaliação em contexto estereotipado ameaçador do que não ameaçadoras (Steele, 1997; Steele et al., 2002). Grimm, Markman, Maddox e Baldwin (2009) mostraram que a ameaça de estereótipo reduz o desempenho em tarefas de percepção categorial, nas quais estão envolvidas aprendizagens dessa mesma categoria (Rydell, Rydell, & Boucher, 2010).

Steele e Aronson (1995) perceberam que a ansiedade, por diversas razões, poderia afetar o seu desempenho dos participantes. Resolveram testar e ver o seu efeito e sugeriram que “a ameaça de estereótipo induzia ansiedade e insegurança e que estes estados podem, eventualmente, interferir com o desempenho de tarefas”. Mais tarde, Schmader e colaboradores (2003; 2008) vieram confirmar a hipótese de que a ameaça de estereótipo é acompanhada por exigências suplementares numa situação de teste, como por exemplo a ansiedade, limitando assim a memória de trabalho ou capacidade cognitiva necessária para resolver um problema (Schmader & Johns, 2003; Schmader, Johns & Forbes, 2008). Estes estudos sugerem que um dos mediadores do efeito da ameaça de estereótipo sobre o desempenho é a ansiedade.

Ford e colaboradores (2004) descobriram que a ansiedade e as tarefas negativas relacionadas com o pensamento resultavam num baixo desempenho sob situações de ameaça. Os autores usaram o estereótipo de ser-se mulher na realização da experiência. Foram realizados dois ensaios, em que era pedido às participantes para realizar exercícios de matemática. O ensaio dois demonstrou que as mulheres que tinham sentido de humor obtiveram melhores resultados do que as que não tinham, o que sugere que, quando estavam a realizar os exercícios de matemática, as mulheres com sentido de humor sentiam-se menos ansiosas. Derakshan, Smith e Eysenck (2009) confirmaram este resultado, num estudo com participantes com baixos e elevados níveis de ansiedade crónica a executarem tarefas aritméticas, de baixos e elevados graus de dificuldade, em duas condições experimentais: tarefas de trocas e tarefas sem trocas. A tarefa experimental consistia em 144 problemas matemáticos. A complexidade das

tarefas dividia-se em dois níveis: baixo nível de complexidade, na qual os participantes iriam encontrar problemas de somar e subtrair; e elevado nível de complexidade, onde os participantes iriam encontrar problemas de multiplicar e dividir. Os participantes tinham pistas para resolver os problemas, eram apresentados os símbolos aritméticos (+, -, $\times$ ou $\div$) entre um número de dois dígitos e outro com um dígito (ex.: $58 + 7$). O sinal indicava o tipo de problema. Na condição “sem trocas” os participantes repetiam as mesmas tarefas matemáticas. Na condição “troca” os participantes eram obrigados a trocar entre as tarefas matemáticas. Derakshan e colegas previram e confirmaram que níveis elevados de ansiedade tinham efeitos negativos nas tarefas de trocas, mas não nas tarefas sem trocas, concluindo assim que a ansiedade reduz o controlo da atenção.

O estudo de Osborne (2001) demonstrou que a ansiedade explica os diferentes desempenhos académicos em grupos de diferentes identidades, o que vai ao encontro das hipóteses propostas por Steele, em relação à ansiedade.

A identidade é um dos moderadores da ameaça de estereótipo no desempenho. A identidade representa a ligação ao coletivo e à imagem de comunidade dos outros semelhantes a nós (Oyserman et al., 2001; Oyserman et al., 2003). Outra definição para identidade foi apresentada por Wright (2009), que afirma que a identidade é a capacidade do indivíduo de negociar e navegar entre o racismo e a discriminação positiva, e ainda ser capaz de demonstrar e ter orgulho na sua identidade e no seu grupo. Mas porque será a questão de identidade importante para a ameaça de estereótipo? Armenta (2010) no seu estudo com latino-americanos e ázio-americanos verificou que aqueles que se identificavam mais com o seu grupo obtinham resultados piores do que aqueles que se reviam pouco no seu grupo. Posto isto, podemos então afirmar que se um indivíduo tiver um nível elevado de identidade com os membros do meu grupo e a sua identidade estiver associada a estereótipo negativo para uma determinada tarefa, quando se torna saliente a questão da identidade o desempenho será afetado pelo estereótipo negativo. Outro estudo (ver Claytie, D. et al., 2006) demonstrou que a identidade diminui os efeitos da ameaça de estereótipo. A ameaça, no referido estudo, correspondia à saliência da identidade, onde os participantes foram expostos a três condições de ameaça de estereótipo diferentes, baixa ameaça, ameaça media e alta ameaça. Os resultados mostraram um efeito da ameaça de estereótipo nos participantes que desempenharam significativamente melhor na condição de baixa ameaça, onde a sua

identidade não era salientada. Quando as suas identidades eram salientadas, condições media e alta ameaça, os desempenhos eram piores.

O fenómeno da ameaça de estereótipo surge, principalmente, devido à ideia que temos daquilo que os outros pensam sobre nós, podendo isso afetar ou não o nosso comportamento. Assim, para compreender este fenómeno, precisamos de entender os meta-estereótipos. Os meta-estereótipos são o que o individuo pensa que os membros de um outro grupo pensam sobre o seu grupo. Uma relação obriga, sempre, a existência de duas partes, ou dois grupos. Elas são dinâmicas, e em situações de interação entre um grupo dominante e outro minoritário, onde a identidade da minoria é reforçada, pode acontecer o que vários autores chamam de meta-estereótipo (Vorauer, J. D.; Main, K. J. & O'Connel, G. B., 1998; Vorauer et al. 2000).

Experimentalmente, conhece-se o impacto dos meta-estereótipos sobre forma de como se demonstra o afeto e os comportamentos em relação ao *outgroup*. Segundo Vorauer e colaboradores (1998) o simples facto de acreditarmos que os outros têm estereótipos negativos em relação ao nosso grupo pode, na maioria das vezes, afetar a nossa auto estima; o que por si só, ajuda à discriminação por parte do *outgroup*, segundo alguns estudos (ver Fein & Spencer, 1997; Wills, 1981). Assim, por exemplo, se uma pessoa acreditar que os membros de um outro grupo a vêem de forma negativa, pode desenvolver comportamentos hostis e de evitamento com os membros do *outgroup* (Vorauer et al. 1998). O meta-estereótipo tem um papel central no fenómeno da ameaça do estereótipo, porque este pressupõe a percepção de que existe um consenso sobre aquilo que os outros pensam sobre o meu grupo.

1.2 Os modelos relacionais nas relações intergrupais ao nível interpessoal

Nesta dissertação introduz-se uma nova perspetiva sobre a ameaça do estereótipo, com base numa teoria com uma visão única sobre a forma como as pessoas interagem umas com as outras. Com base nessa teoria, apresenta-se uma nova hipótese explicativa sobre a relação entre os moderadores e a ameaça de estereótipo. Para se perceber como a ansiedade e a identidade interagem com a ameaça de estereótipos é importante perceber três coisas: Como é que o indivíduo se relaciona com os outros? Qual é a importância dessas mesmas relações? E como é que o indivíduo percebe essas relações? A teoria do Modelos Relacionais (TMR), proposta por Alan Fiske (1991, 1992) apresenta orientações para podermos responder a essas três questões.

A teoria dos Modelos Relacionais postula que as pessoas usam quatro modelos para gerir a maioria das interações sociais independentemente da cultura ou sociedade que estão inseridos. As interações podem ser organizadas de acordo com: o que as pessoas têm em comum; diferenças ordenadas/hierarquizações; desequilíbrios aditivos; ou rários. Quando as pessoas têm relações baseando-se naquilo que tem em comum, estão a usar o modelo de Comunhão. Quando as pessoas baseiam as suas relações com diferenças ordenadas, o modelo é de Autoridade. Se por sua vez, as relações se centrarem em relações de desequilíbrios aditivos, então estamos perante o modelo de Igualdade. Por fim, e não menos importante, as pessoas que tem relações de rários, estarão a usar o modelo de Mercado (Fiske, A.,1991,1992). Segundo Fiske (2004), estes quatro modelos são formas de relacionamento humanas inatas. Para justificarmos o uso deste ou daquele modelo, para justificarmos o porquê de estarmos a usar este modelo nesta ou naquela situação socorremo-nos sobre dois termos: “*mods*”³ (modelos) e os “*preo*”⁴. Os “*mods*” são os modelos cognitivos básicos (os quatro modelos relacionais) que ajudam os sujeitos a decidir como agir, avaliar ou coordenar as suas ações. Estas percepções são inatas e não variam de cultura para cultura. De modo a usar de forma correta os *mods* para agir ou interpretar outras ações, existe a necessidade de existir já um *background* precedente, protótipos e princípios socialmente transmitidos. A esse *background* Fiske (2000; 2004; 2005) apelidou de “*preo*”. Ou seja, o “*preo*” é o conjunto de percepções, paradigmas, parâmetros, prescrições e proposições que devem ser usadas com os *mods*. O *mod* deve ser conjugado com o *preo* que o completa de modo a gerar um “aparelho” de coordenação a uma cultura específica.

Iremos agora focar-nos em dois modelos, Comunhão e Autoridade, dando-lhes uma visão mais pormenorizada e detalhada, visto que são os únicos usados neste estudo. O modelo de Comunhão baseia a socialização na percepção de que um grupo de pessoas têm algo em comum, sendo socialmente equivalentes. Ou seja, este modelo é caracterizado pelo sentido de identidade partilhada. Todos nós temos relações de comunhão, seja com os mais próximos ou grupos de referência. Esta relação deve conter o próprio e/ou um grupo de outras pessoas que funcionalmente são tratados como equivalentes em certas situações. Este tipo de relacionamento é o menos intenso e o

³ Alan Fiske usou este termo, “*mods*”, para explicar que são modelos cognitivamente modelares mas também modos de interagir modificáveis.

⁴ Termo complementar aos “*mods*”. Dizem respeito ao como, quando e relativamente a quem é que devemos utilizar determinado “*mods*”.

mais restrito de significado. Neste modelo as pessoas para organizar as suas relações em qualquer contexto devem usar o *preo*, complementar ao modelo, que define o que alguém tem em comum e com quem. Exemplos deste modelo são as relações entre pais em filhos ou família em geral, as ligações religiosas ou clubistas, a nacionalidade ou naturalidade, um casal de namorados, e sociedades secretas. Duas características fundamentais e que permitem a viabilidade do modelo são o facto de ter de ser estruturados em pares ou em grupo e os envolvidos devem ser motivados por algo que acreditam que tem em comum. (Fiske, 1991; 1992; 2000; Haslam, et al., 2004; Baldwin, et al. 2005). Por norma, os indivíduos usam este modelo devido à sua motivação para a afiliação, pela necessidade de se sentirem integrados num grupo ou simplesmente no seio do que os rodeia socialmente.

O modelo de Autoridade baseia a sociabilidade em diferenças assimétricas, normalmente de ordem hierárquica linear. Por si só, este modelo não define a ordem das pessoas socialmente; é necessário recorrer aos *preos* que definem como é que as pessoas são hierarquizadas socialmente, neste caso, temos o exemplo da idade, género, antiguidade, sistemas de promoção ou eleições. Neste modelo as pessoas podem participar numa variedade de relações de autoridade. A funcionalidade dos grupos, na TMR, depende muito da dinâmica dos próprios grupos e das relações entre cada um dos seus membros. O que vai muito de encontro com a teoria da dinâmica dos grupos de Kurt Lewin (1951). O Homem não nasceu com a pré predisposição de fazer certas escolhas ou seguir um caminho em particular, essas escolhas e caminhos a seguir dependem dos valores, das práticas sociais e normas à sua volta, as quais por sua vez dependem da cultura, dos governos e do tempo em que estão inseridos. Lewin (1951) definiu a dinâmica dos grupos como o processo de agir e reagir em diferentes circunstâncias. A formação de cada grupo baseia-se no consenso das suas relações interpessoais, por outras palavras, os seus intervenientes seguem um objetivo em comum, resultando daí uma solidariedade grupal (Lewin, K., 1951 em Forsyth et al., 2006).

Através da teoria de Kurt Lewin sobre a dinâmica dos grupos, apercebemo-nos que os modelos relacionais são a ligação entre a identidade social e a ameaça de estereótipo. Se a identidade social é o autoconceito que permite o conhecimento de pertença a um determinado grupo, com as suas significancias emocionais e dependências a um determinado grupo que orientam o indivíduo para a ação coletiva, os

modelos relacionais são, de forma resumida, a forma de como gerimos as interações sociais, independentemente da cultura ou sociedade que estamos inseridos. Assim, podemos imaginar que os membros de um grupo minoritário que, apesar de se identificarem e sentirem uma ligação com o seu grupo, tenham uma proporção elevada de relações interpessoais com os membros do grupo maioritário, resultando daí uma maior integração relativa com esse grupo, serão mais propícios a sofrer do efeito da ameaça de estereótipo, porque terão mais medo de desiludir as pessoas do grupo maioritário com que se relacionam se não desempenharem bem. Assim, as relações intergrupais ao nível intergrupale poderão estar implicadas no efeito da ameaça do estereótipo.

2 Objetivos e hipóteses

Em suma, a teoria da ameaça de estereótipo diz-nos que indivíduos que admitem pertencer a um grupo negativamente estereotipado, quando em situações onde são avaliados em domínios a que esse estereótipo se refere, sofrem um decréscimo bastante significativo no que diz respeito ao desempenho intelectual sobre esse estereótipo. Isto porque para além da sua capacidade cognitiva estar inibida, há a crença de que um possível “fracasso” pode confirmar os estereótipos negativos sobre o endogrupo, consequentemente sobre o mesmo.

Como já descrito anteriormente, e algumas teorias suportam essa ideia, este fenómeno não é um fenómeno “independente”, ou seja, existem outros fatores que influenciam o aparecimento do mesmo. São eles: a identidade, a ansiedade, os meta estereótipos e as formas de relacionamentos que temos com o endogrupo e exogrupo.

O presente estudo procura contribuir para a investigação da ameaça de estereótipo no contexto português, entre brancos e negros, a nível académico. Deste modo, o seu objetivo principal é compreender a dinâmica deste fenómeno através do estudo experimental com a manipulação de duas condições experimentais e de uma condição não manipulada a identidade através do desempenho intelectual. Pretende-se também explorar o papel da identidade, da ansiedade, teoria dos Modelos Relacionais e o papel, pouco explorado, dos meta-estereótipos.

Assim, no estudo que serve de base a esta dissertação testaram-se as seguintes hipóteses (H):

H1: Os negros desempenham pior quando são informados que estão ser avaliados do que quando são informados que não estão a ser avaliados (hipótese clássica da ameaça do estereótipo: Steele & Aronson, 1995).

H1a: Os meta-estereótipos são um moderador da ameaça de estereótipo nos participantes negros, ou seja, é um pressuposto do efeito da ameaça do estereótipo que os participantes acreditem que a maioria (branca) os caracteriza negativamente no desempenho.

H1b: A identidade racial é outro moderador do efeito da ameaça de estereótipo, que ocorre apenas quando as pessoas se identificam com o grupo alvo de estereótipo.

H2: A ansiedade é um mediador do efeito da ameaça de estereótipo no desempenho (Schmader & Johns, 2003; Schmader, Johns & Forbes, 2008), atuando sobre a diminuição da concentração.

H3: A utilização relativa dos Modelos Relacionais (Fiske, 1992) nas relações entre os membros do grupo maioritário e minoritário é um mediador da ameaça de estereótipos:

H3a: O efeito da ameaça de estereótipo será maior nos membros dos grupos minoritários que tiverem uma maior proporção das suas relações de autoridade / subordinação com membros da maioria e menor com membros da minoria.

H3b: O efeito da ameaça de estereótipo será maior nos membros do grupo minoritário que tiverem uma maior proporção das suas relações de Comunhão com membros da maioria e menor com membros da minoria.

Método

3.1 Participantes e design

Nesta experiência participaram 52 estudantes universitários da ULHT (22 negros e mestiços e 30 brancos; 17 homens e 35 mulheres, média de idades 21,6 anos ($DP = 3,62$). Os eram distribuídos aleatoriamente entre as condições de avaliação (12 negros/mestiços e 15 brancos) exercício (10 negros/mestiços e 15 brancos).

3.2 Procedimento

Os participantes foram recrutados por uma aluna (branca) no campus da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias nos vários dias em que decorreu a experiência e encaminhados para a sala da experiência. Esta era uma das duas salas de computadores maiores do Laboratório de Psicologia Computacional. Ambas as salas tinham as paredes ocupadas por computadores voltados para a parede. Ao entrarem na sala os participantes foram ocupando os lugares disponíveis, por ordem de entrada na sala, frente a um computador, com a bateria de provas e folha de instruções pousadas na mesa viradas para baixo. Antes de se iniciar a experiência, o experimentador (um professor branco) agradecia os participantes pela sua colaboração e informava-os que iriam participar num estudo, que os seus dados seriam confidenciais, sendo que estes seriam apenas usados para análise estatísticas. Após estas informações assinaram um consentimento informado.

Cada participante era exposto a uma condição experimental de forma aleatória, as condições eram: **“Condição Ameaça (avaliação)”** ou **“Condição Não ameaça (exercício)”**. Era entregue um texto com a informação sobre o propósito da experiência e com a informação de que iriam realizar alguns testes ou exercícios, dependendo da condição a que fossem submetidos, descrevendo os testes/exercícios como sendo difíceis e que não deveriam esperar obter bons resultados, dada a dificuldade dos testes. A manipulação de cada condição era apresentada na folha que antecedia os testes, **“Irão realizar alguns testes de avaliação de desempenho cognitivo. O nosso objetivo é avaliar o desempenho dos alunos universitários”** e **“Irão realizar alguns exercícios**

de desempenho cognitivo. O nosso objetivo é avaliar a consistência interna destes exercícios”, para cada condição respetivamente.

Após a leitura do texto, o experimentador pediu a todos os participantes que virassem a folha. De seguida o experimentador deu as instruções do teste para medir a capacidade de concentração, onde foram informados que teriam de encontrar o maior número de figuras iguais às do modelo, sempre da esquerda para a direita e linha a linha em 10 minutos. Quando o tempo terminasse era indicado que parassem a prova.

Ao fim dos 10 minutos os participantes realizaram o teste de aptidões mentais primárias, cada sub teste foi lido aos participantes, de forma a que nada ficasse por responder e garantir que os participantes percebessem os testes, e informados de que os testes iriam ser cronometrados.

Após terminarem o PMA os participantes foram informados que teriam de continuar a experiência a partir do computador. Foram direcionados através de um *link* para o Qualtrics, onde se encontraram o “Questionário Tese”, foi dito aos participantes que procurassem responder a todas a perguntas. No primeiro campo do questionário os participantes introduziram o código que lhes foi atribuído no início. De seguida foi-lhes apresentado o inventario STAI, surgiu primeiro a parte 1, STAI I, e depois a parte 2, STAI II.

Realizaram de seguida o teste de Identidade. Tiveram de responder a quatro questões relativas à sua identidade. Neste ponto questionário as perguntas foram colocadas de forma aleatória, com exceção da pergunta “Das seguintes identidades étnicas/raciais qual a que o/a descreve melhor?”, que apareceu sempre em primeiro lugar a todos os participantes.

De seguida os participantes preencherão o questionário referente aos MR. Neste teste, também serão informados de que não tinham tempo limite e que poderão demorar o tempo que achassem necessário.

Ao terminarem o teste anterior, os participantes responderão às perguntas sobre meta-estereótipos. A exemplo do anterior também não irão ter um limite de tempo estabelecido. Tiveram de indicar como é que a sociedade portuguesa descrevia pessoas brancas e negras, a partir de uma lista de 9 pares de adjetivos bipolares, ex.: **“culto-inculto”** ou **“capaz-incapaz”**.

O penúltimo campo do questionário que os participantes encontraram foi o questionário sócio demográfico. Onde encontraram questões sobre a nacionalidade, curso, sexo, idade, por exemplo.

O último campo do questionário foi apelidado de “Manipulation Check”, onde foram apresentadas duas questões: **“Pense na folha inicial de apresentação da experiência. Nessa foi-lhe dito que: “O objetivo do estudo é avaliar o desempenho dos estudantes universitários?” ou “O objetivo é avaliar a consistência interna destes exercícios?” e tiveram de escolher uma das duas opções ; e “Acredita que neste tipo de experiências os experimentadores: Interpretam os resultados em função das suas ideias pré-concebidas ou São objetivos na análise dos seus resultados?” e tiveram de indicar o ponto da escala mais próximo daquilo que acreditam.** Este campo serviu para verificar se a manipulação teve efeito ou não.

No final de cada sessão era realizado um debriefing com os participantes com o objetivo de os colocar a par dos objetivos do estudo e das manipulações.

De salientar, muito importante esta observação, que a ordem dos testes deve, em futuras replicações, ser exatamente esta, para que as medidas de Modelos Relacionais e meta estereótipos não afetem os resultados.

No final do processo de recolha dos dados, todas as informações obtidas foram inseridas no programa de tratamento Estatístico SPSS (Statistical Package for Social Scienses).

3.3 Instrumentos

Os instrumentos utilizados na execução da experiência foram:

Questionário Socio Demográfico

Para uma análise mais precisa dos participantes que realizaram a experiência, os participantes indicaram a sua identidade racial, onde as opções eram: “Branco”, “Mestiço (mas mais branco)”, “Mestiço”, “Mestiço (mas mais negro)”, “Negro”, “Asiático” e “Outra”. O objetivo desta questão era perceber o nível de identificação dos participantes com o seu grupo.

Concentração: teste Toulouse-Pierron

Para medir o efeito da ansiedade sobre a concentração usou-se o “Teste de barragem de Toulouse-Pierron”, os seus autores são E. Toulouse e H. Pierron (Toulouse & Pierron, 1904), que é uma prova de atenção visual externa. A sua aplicação pode ser individual ou coletiva e tem a duração de 10 minutos. Neste estudo, alterámos essa duração para 5 minutos. A medida tem como objetivo averiguar a atenção voluntária permanente, ou seja, a capacidade de concentração, o rendimento do trabalho e a resistência à fadiga. A prova consiste numa folha A4, que contém 40 linhas, cada uma com 40 figuras, compostas por um quadrado de 1.25 mm. Estas figuras distinguem-se umas das outras pela orientação do traço exterior, que pode ter 8 orientações diferentes. Em cada linha existem 10 figuras iguais às figuras do exemplo.

Desempenho intelectual: PMA (Aptidão Mentais Primárias)

Para aferir o desempenho intelectual dos participantes, foi realizada a prova PMA, de L. L. Thurstone (Thurstone & Thurstone, 1943) versão portuguesa traduzida por António Menezes Rocha e Maria Helena. A aplicação pode ser individual ou coletiva e tem a duração de 26 minutos. O objetivo da prova é avaliar de aptidões básicas dos sujeitos em 5 fatores: Verbal (compreensão), é a aptidão para captar ideias expressas através da linguagem, tanto de forma escrita ou oral. É composta por 50 elementos, que consistem em palavras relativamente às quais os participantes tinham de identificar o sinónimo das palavras apresentadas de entre 4 alternativas. Este factor tinha a duração de 4 minutos. Espacial (conceção), capacidade para imaginar e conceber estruturas espaciais e compará-las entre si. É composta por 20 elementos, e os participantes tinham de optar por uma figura que coincidissem com o modelo. Este factor tinha a duração de 5 minutos. Fluência (verbal), mede capacidade para exprimir com facilidade as próprias ideias, expondo-as de forma convincente. Era pedido aos participantes que escrevessem palavras começadas com a letra B e tem a duração de 5 minutos. Dois outros factores não foram usados: raciocínio lógico e numérico.

Ansiedade: STAI-Inventário de Traço-Estado de Ansiedade de Spielberg (1970)

É uma escala de autoavaliação desenvolvida por Spielberger em 1970, tendo sido posteriormente reavaliada (Spielberger et al, 1983) e caracteriza-se por ser um instrumento de estudo da ansiedade. O STAI foi validado para a população portuguesa, mantendo a sua estrutura original, por Silva (2003). O STAI é composto por duas escalas que avaliam a ansiedade enquanto estado e traço. O estado de ansiedade retrata uma reação momentânea que esta ligada com uma situação adversa do momento. O traço de ansiedade está relacionado com um estado mais estável, relacionado com a tendência de um determinado indivíduo para lidar com maiores ou menores níveis de ansiedade ao longo da sua vida. É constituído por duas escalas de 20 itens cada (uma escala de ansiedade-estado e uma escala de ansiedade-traço). É um questionário de autorrelato que pode ser aplicado a indivíduos de ambos os sexos. As respostas são apresentadas numa escala de *Lickert* de 4 pontos, correspondendo na escala que avalia a ansiedade-estado a resposta 1 a “nada”, 2 a “um pouco”, 3 a “moderadamente” e 4 a “muito” e na escala que avalia a ansiedade-traço a resposta 1 a “quase nunca”, 2 a “algumas vezes”, 3 a “frequentemente” e 4 a “quase sempre”. Cada escala tem 10 itens recodificados, ou seja, quando uma resposta 4 corresponde a um grau mínimo de ansiedade será cotado com o valor 1. Os itens invertidos da escala de ansiedade-estado são os itens 1, 2, 5, 8, 10, 11, 15, 16, 19 e 20. Os itens invertidos da escala de ansiedade-traço são os itens 21, 23, 24, 26, 27, 30, 33, 34, 36 e 39. Os totais obtêm-se com a soma dos valores em cada escala, sendo o mínimo de 20 e o máximo de 80.

Identidade

Para medir o grau de identificação dos participantes com o endogrupo, os participantes responderam a uma versão reduzida e adaptada de uma escala com questões de identidade; trata-se de uma medida pessoal onde os participantes tinham de responder em concordância a que grupos pertencem, serve para encontrar o nível de identificação com o grupo a que cada sujeito pertence. A escala apresenta um $\alpha = 0,59$ e é composta por quatro itens: o item é relativo ao grupo étnico (ex.: Branco ou Negro), onde se deve indicar a qual se pertence; nos restantes 3 itens as respostas são apresentadas numa escala de *Lickert* com 7 pontos de concordância, que vai desde

“Discordo totalmente” até “Concordo totalmente”. Sendo que o item 4 é um item invertido.

Meta- Estereótipo

Na avaliação dos meta-estereótipos foi usada a escala de Vorauer et al. (1998), versão adaptada, ($\alpha = 0,94$). Consiste na apresentação de 9 pares de adjetivos de diferencial semântico. É uma escala de *Lickert* com 7 pontos, onde os participantes devem indicar um ponto da escala em que acreditam que a maioria das pessoas da sociedade portuguesa descreve as pessoas brancas e negras. Quanto mais próximo do adjetivo escolhido, maior é a crença de que aquele adjetivo é representativo daquele grupo. Os totais obtêm-se através da subtração dos valores atribuídos a cada par de adjetivos para os brancos pelos valores atribuídos a cada par de adjetivos para negros.

Medida de Modelos Relacionais

Foi usada uma medida para se perceber como os participantes negros e brancos, em Portugal, se relacionam com as pessoas do seu próprio grupo e com pessoas do outro grupo. É uma medida de relacionamento do Eu com o endogrupo e o exogrupo através da percepção do número de relações que têm com os membros de cada um desses grupos de acordo com dois modelos relacionais: comunhão e autoridade. A medida é constituída por seis questões sobre os modelos relacionais, para as quais era pedido para indicar o número de relações que os participantes tinham com pessoas brancas e com pessoas negras; três de Comunhão (“Se uma pessoa precisa de ajuda, as outras alteram os seus planos para a ajudar”, “Em algumas relações as pessoas seguem a máxima ‘O que é meu é teu’” e “Em algumas relações as pessoas sentem-se ligadas umas as outras como se fossem uma só”) e seis de Autoridade (“Em algumas relações, uma pessoa tende a liderar, e as outras a seguir as suas indicações”, “Em algumas relações, uma pessoa toma a maioria das iniciativas” e “Em algumas relações as pessoas sentem que formam uma hierarquia”; para cada uma destas frases, pedia-se aos participantes para indicar quantas relações tinham com brancos e com negros nas quais liderassem/seguissem,

James Octávio da Silva Paulo – Ameaça de estereótipo: efeitos da identidade racial, percepção intergrupale sexo

tomassem/seguissem iniciativas, estivessem em posição de autoridade/subordinação).

A construção das escalas de Comunhão ($\alpha = .91$) e Autoridade ($\alpha = .81$) foi feita a através do cálculo, para cada um dos itens que as compunham, da proporção do número de relações com brancos (maioria) no total das relações indicadas.

Resultados

4.1 Análise da normalidade da distribuição

Com objetivo de decidir o uso de teste paramétricos vs. não paramétricos, verificou-se a normalidade da distribuição das variáveis (Ansiedade estado, Ansiedade traço, PMAVF, PMAE, Identidade, Concentração, Poder de realização, Comunhão e Autoridade) através do teste *One Sample Kolmogorov Smirnov*. (ver tabela 1), verifica-se que apenas a variável concentração não apresenta uma distribuição normal ($Z = 1,38$; $p = 0,046$); todas as outras variáveis em análise apresentam uma distribuição normal ($p > 0,05$).

Tabela 1 – Análise da normalidade da distribuição.

	<i>Z</i>
<i>Ansiedade estado</i>	0,64
<i>Ansiedade traço</i>	0,90
<i>PMAVF</i>	1,01
<i>PMAE</i>	1,09
Identidade	0,57
Concentração	1,38*
Poder de realização	0,83
Comunhão	0,75
Autoridade	0,65

* $p \leq 0,05$ ** $p \leq 0,01$ *** $p \leq 0,001$

4.2 Relação entre Atenção / Concentração e Escala de aptidões mentais primárias.

Para observar a relação existente entre a concentração e a escala de aptidões mentais primárias (PMAVF e PMAE) foi utilizado o teste de correlação de *spearman*,

A concentração apenas se encontra relacionada significativamente com a variável PMAE ($r_s = -0,30$; $p = 0,034$) e de forma inversa, não existindo relação significativa com a variável PMAVF ($r_s = -0,09$; $p > 0,05$).

Para observar a relação existente entre o poder de realização e a escala de aptidões mentais primárias (PMAVF e PMAE) foi utilizado o teste de correlação de *pearson*, após se confirmar a normalidade da distribuição.

Observou-se que o poder de realização se encontra relacionado significativamente com a variável PMAE ($r = .44$; $p = 0,001$) e PMAVF ($r = .28$; $p = 0,044$), ambas de forma direta.

4.3 Relação entre dimensões da escala de aptidões mentais.

Para observar a relação existente entre PMAVF e PMAE foi utilizado o teste de correlação de *pearson*, após se confirmar a normalidade da distribuição. Verificou-se uma relação significativa e direta entre as dimensões da escala de aptidões mentais ($r = .40$; $p = 0,003$).

4.4 Relação entre ansiedade estado e ansiedade traço.

Para observar a relação existente entre ansiedade estado e ansiedade traço foi utilizado o teste de correlação de *pearson*, após se confirmar os pressupostos de aplicação. Verificou-se uma relação significativa e direta entre a ansiedade traço e a ansiedade estado ($r = .72$; $p = 0,000$).

4.5 Influência da ameaça do estereótipo e identidade racial e sexo nas aptidões mentais primárias.

Para verificar efeito da influência da ameaça do estereótipo, identidade racial e sexo nas aptidões mentais primárias (PMAE e PMAVF), foi feita uma análise multivariada de variâncias (MANOVA), após a verificação dos pressupostos de aplicação, tais como relação teórica entre as duas variáveis dependentes, a normalidade da distribuição e a homogeneidade de variâncias dessas mesmas variáveis. Os resultados indicam um efeito de interação tripla entre a ameaça, identidade racial e sexo [$F(2,32) = 4.20$; $p = .02$]. Esta complexa interação deve-se as interações entre a ameaça e identidade racial [$F(2,32) = 3.70$; $p = .04$] e entre a ameaça e o sexo [$F(2,32) = 6.51$; $p = .004$]. Para entender melhor estes efeitos foram feitas MANOVA's separadas, primeiro, para homens e mulheres e segundo, para negros/mestiços e brancos.

A primeira MANOVA revelou um efeito significativo de interação entre sexo e ameaça [$F(2,60) = 10.51$; $p = .011$]: os homens desempenham melhor no PMAVF na condição de ameaça [$t(2,88) = 5.92$; $p = .011$] ($M = 3.29$; $DP = 0.20$) do que na condição não ameaça ($M = 1.93$; $DP = 0.21$); ao invés, as mulheres tiveram piores

desempenhos na condição de ameaça [$t(2,88) = -2.37; p = 0.03$] ($M = 2.54; DP = 0.27$) do que na condição de não ameaça ($M = 3.71; DP = 0.29$).

Na segunda MANOVA, com o objetivo de perceber onde é que estas diferenças existiam, dada a interação entre ameaça e identidade racial, foi feita uma análise separadamente por identidade racial (brancos, negros/mestiços), e verificamos que os efeitos só foram significativos nos participantes brancos. Os homens brancos desempenharam significativamente melhor no teste PMAVF (fluência verbal) na condição de ameaça [$t(2,88) = 4.99; p = .02$] ($M = 3.85; DP = 0.76$) do que na condição de não ameaça ($M = 0.87; DP = 0.34$). Nas mulheres brancas, para o PMAVF, verificou-se que tiveram um desempenho pior, sob o efeito da ameaça [$M = 2.61 (DP = 1.10)$], do que as mulheres brancas em não ameaça, [$M = 3.58 (DP = 0.34)$].

Estes resultados indicam que não há efeito da ameaça de estereótipo em negros, mas que, de forma inesperada, existe um efeito sobre os brancos. Os resultados sugerem que houve um efeito da manipulação e vão de encontro à teoria da ameaça de estereótipo, onde se previa que os participantes em condição de ameaça teriam piores desempenhos do que aqueles que estivessem na condição de não ameaça mas que, contrariamente ao esperado, este efeito surge nos brancos, especificamente nas mulheres brancas. Inversamente, o efeito nos homens brancos indicam uma melhoria do desempenho na condição de ameaça. No entanto, o n deste último grupo pode ser demasiado baixo para retirar conclusões.

4.6 Análise dos meta-estereótipos entre brancos e negros.

Para a análise dos meta-estereótipos entre brancos e negros foram realizadas duas MANOVAS. Na primeira MANOVA, analisou-se os metas-estereótipos dos participantes em relação aos brancos na sociedade portuguesa. Os resultados mostram que não há diferenças estatisticamente significativas entre brancos e negros no que diz respeito ao meta-estereótipos dos brancos na sociedade portuguesa [$F(2,49) = 5.44; p > .05$], existindo um consenso entre brancos e negros de como a sociedade portuguesa perceciona os brancos. Na segunda MANOVA, foi feita a mesma análise, mas para o meta-estereótipo dos participantes em relação aos negros na sociedade portuguesa. E verifica-se que não existem diferenças significativas entre brancos e negros em relação ao meta-estereótipo dos negros na sociedade portuguesa [$F(2,49) = 1.51; p > .05$].

Estes resultados indicam que tanto os brancos como os negros acreditam que a sociedade portuguesa vê os brancos como mais capazes intelectualmente e percebem os negros como menos capazes.

4.7 Influência da Ansiedade como mediadora da ameaça de estereótipo no desempenho das aptidões mentais primárias.

A fim de verificar se a ansiedade seria uma mediadora do efeito da ameaça foi realizada uma análise de regressão, sendo as variáveis independentes a ansiedade estado e ansiedade traço. Os resultados indicam que a ansiedade não prediz o desempenho da PMAVF. Para o PMAE, a análise da regressão mostra que a ansiedade-estado tem um impacto negativo no desempenho, explicando 8% da sua variância [$\beta = -0,277$, $t = -2,042$; $p = 0,046$, $F(1,50) = 4,17$; $p = 0,046$]. No entanto, não há efeito da manipulação de ameaça sobre a ansiedade ($F_s < 1$).

4.8 Influência da ameaça do estereótipo sobre a Comunhão e Autoridade.

Para verificar a influência da ameaça de estereótipo e a identidade racial sobre os MR de Comunhão e de Autoridade, foram realizadas duas análises univariadas de variâncias. Na primeira análise procurou-se verificar a influência da ameaça sobre a Comunhão. Os resultados indicam que existe um efeito principal trivial da identidade racial [$F(7,28) = 38.24$; $p < .001$] sobre a Comunhão, em que os participantes brancos relatam uma maior proporção de relações de Comunhão com brancos do que os participantes negros, mas não existe nenhum efeito principal da ameaça ou de interação com a identidade racial sobre esse nível (todos F_s não significativos).

A segunda análise pretendia verificar a influência da ameaça sobre a Autoridade. Os resultados indicam que para a Autoridade existe um efeito de interação entre a ameaça e a identidade racial [$F(7,21) = 6.31$; $p = 0.02$], que qualifica o efeito principal trivial da identidade racial [$F(7,21)=33,692$; $p=0,000$]: os participantes negros indicam uma maior proporção de relações de subordinação com brancos sob ameaça do que sem ameaça, o que não sucede com os participantes brancos.

Discussão de resultados

Os objetivos deste estudo eram, primeiro, verificar se existiria o efeito da ameaça de estereótipo (Steele & Aronson, 1995) entre estudantes negros em Portugal e, segundo, testar alguns mediadores desse efeito, nomeadamente a ansiedade (Schmader & Johns, 2003; Schmader, Johns, & Forbes, 2008) e a integração social na maioria através da proporção de relações interpessoais com a maioria usando os modelos relacionais de comunhão e autoridade (Fiske, A., 1991)

A análise dos resultados indicou não existir um efeito de ameaça de estereótipo nos participantes negros, contrariamente ao esperado e descoberto por Steele e Aronson nos EUA (1995). Isto é tanto mais significativo quanto se encontravam reunidas todas as condições para que esse efeito surgisse. Como por exemplo, o consenso do meta-estereótipo de que na sociedade portuguesa os negros são vistos como intelectualmente inferiores ao brancos, ter existido um efeito da manipulação e os negros perceberam o experimentador (branco) como autoridade.

Pelo contrário, esse mesmo efeito aparece nas participantes brancas, que desempenharam pior na condição ameaça, o que está previsto pela teoria da ameaça de estereótipo (Steele & Aronson, 1995) apenas quando existe um meta-estereótipo negativo. Nos homens brancos verificou-se uma melhoria do desempenho na condição de ameaça, o que não era esperado, mas que pode ser explicada pelo efeito do impulso do estereótipo (stereotype boost) (Shih et al., 1999; Shih et al., 2002) que diz quando um grupo é positivamente estereotipado o seu desempenho pode ser melhorado em situações de avaliação, mas sendo o *n* pequeno não é possível tirar conclusões com forte poder estatístico. Assim, apesar de se ter verificado um efeito da manipulação sobre o desempenho, a hipótese H1 não foi confirmada.

Em relação à Ansiedade como mediador da ameaça de estereótipo para o desempenho (Schmader & Johns, 2003; Schmader, Johns & Forbes, 2008), os resultados mostraram que a ansiedade prediz o desempenho, mais concretamente para o PMAE, mas não podendo afirmar que seja um mediador da ameaça de estereótipo para o desempenho. Assim sendo a hipótese H2 também não foi confirmada, pois a ansiedade só é capaz de predizer 8% do desempenho do PMAE e não funciona como mediador da ameaça.

Para aos modelos relacionais, só se verificou um efeito significativo para o modelo de Autoridade em relação à ameaça: os participantes que têm mais relações de hierárquica numa posição inferior com a maioria. Mas mais importante, como previsto pelas hipóteses propostas, as relações de Autoridade são um mediador da ameaça de estereótipo (Fiske, A., 1991). Confirmando-se a hipótese H3.

Conclusão

Este estudo demonstrou que a ameaça de estereótipo é, de facto, um fenómeno complexo. Não está em causa se o fenómeno existe ou não, nomeadamente em Portugal, mas que para aparecer este precisa de condições muito especiais, isto é, precisa de uma combinação, quase perfeita, de outras variáveis e que essas sejam propícias ao aparecimento da ameaça do estereótipo.

Os resultados, caso o n da amostra fosse maior, quase nos levariam a questionar o efeito clássico da ameaça de estereótipo (Steele & Aronson, 1995), pois todas as condições necessárias para o efeito da ameaça de estereótipo surgir, nos participantes negros, estavam presentes nos estudo: efeito da manipulação sobre o desempenho, e existir um consenso, entre brancos e negros, relativamente ao meta-estereótipo de que a sociedade portuguesa vê os negros como menos capazes a nível intelectual em relação aos brancos. Mas, contrariamente ao esperado, não há efeito da ameaça de estereótipo sobre os negros, mas apenas sobre os brancos.

Como apresentado anteriormente, a ameaça de estereótipo só teve efeito nas mulheres brancas, resultados que vão de encontro aos obtidos por Gonzales, Blanton e Williams (2002). Podemos concluir que o género é um moderador da ameaça de estereótipo e que o meta-estereótipo de ser mulher, na sociedade portuguesa, pode ser negativo. Infelizmente, não dispomos de dados sobre o meta-estereótipo de género neste estudo. Sugere-se também que a identidade social (Tajfel & Turner, 1978) e a teoria dos modelos relacionais (Fiske, 1991), articulados com a teoria da dinâmica dos grupos (Lewin, 1951) podem ter um papel no aparecimento da ameaça de estereótipo em articulação com os modelos relacionais. Os objetivos propostos para esta dissertação foram cumpridos, foi possível testar o efeito da ameaça de estereótipo sobre negros em Portugal, e foram introduzidas e analisados os papeis da identidade racial, ansiedade, modelos relacionais e meta-estereótipos.

No entanto, os resultados negativos levantam mais questões do que resolvem, e estudos futuros deverão analisar melhor o porquê do não efeito sobre negros, apesar das condições indicadas na literatura estarem cumpridas. O número reduzido de participantes foi uma das limitações do estudo, dado que seria necessário um n bastante maior para ter poder estatístico suficiente para afirmar a hipótese nula (não

James Octávio da Silva Paulo – Ameaça de estereótipo: efeitos da identidade racial,
perceção intergrupale e sexo

aparecimento da ameaça de estereótipos em negros) do que a hipótese alternativa (efeito da ameaça). Outra limitação foi a falta de estudos nesta área em Portugal. Assim, são necessários mais estudos que procurem replicar o efeito, nomeadamente em Portugal, e entender melhor os mediadores do efeito.

Bibliografia

- Armenta, B. E. (2010). Stereotype boost and stereotype threat effects: the moderating role of ethnic identification. *Cultural diversity & ethnic minority psychology*, 16(1), 94–8.
- Davis, Claytie; Aronson, Joshua; Salinas, Moises, Shades of Threat: Racial Identity as a Moderator of Stereotype Threat, *Journal of Black Psychology* 32. 4 Nov 2006: 399-417.
- Derakshan, N., Smyth, S., & Eysenck, M. W. (2009). Effects of state anxiety on performance using a task-switching paradigm: an investigation of attentional control theory. *Psychonomic bulletin & review*, 16(6), 1112–7.
- Fein, S., & Spencer, 1997, Prejudice as self-image maintenance: Affirming the self through derogation others. *Journal of Personality and Social Psychology*, 73, 31,44.
- Fiske, a P. (2000). Complementarity theory: why human social capacities evolved to require cultural complements. *Personality and social psychology review : an official journal of the Society for Personality and Social Psychology, Inc*, 4(1), 76–94.
- Ford, T. E.; Ferguson, M. A.; Brooks, J. L.; Hagadone, K. M., 2004, Coping sense of humor reduces effects of stereotype threat on women's math performance. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 30, 643–653
- Forbes, C. E., & Schmader, T. (2010). Retraining attitudes and stereotypes to affect motivation and cognitive capacity under stereotype threat. *Journal of personality and social psychology*, 99(5), 740–54.
- Forsyth, D. R., Editor, A., Wilkinson, J., Manager, M., Caldeira, C., Manager, P., Nelson, T. (n.d.). *Licensed to : iChapters User Licensed to : iChapters User Group Dynamics , Fourth Edition Acquisitions Editor : Michele Sordi Editorial Assistant : Jessica Kim Technology Project Manager : Erik Fortier Marketing Assistant : Nicole Morinon Advertising Proj.*
- Garcia-Marques, Teresa; Garcia-Marques, Leonel, 2003, *Os estereótipos e a sua influência no processamento de informação*, 1º Edição, Lisboa, Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Haslam, Nick et al., 2004, Relational Models theory: A Contemporary Overview, Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, London

Katz, Daniel; Braly, Kenneth W., *Estereótipos verbais e preconceito racial*, *Journal of Abnormal Social Psychology* (1933, vol. 28, pp. 280-290)

Major, B., & O'Brien, L. T. (2005). The social psychology of stigma. *Annual review of psychology*, 56, 393–421.

Osborne, Jason W., Testing Stereotype Threat: Does Anxiety Explain Race and Sex Differences in Achievement, *Contemporary Educational Psychology* Volume 26, Issue 3, July 2001, Pages 291–310

Oyserman, Kathy Harrison, Deborah B, D. (2001). Can racial identity be promotive of academic efficacy? *International Journal of Behavioral Development*, 25(4), 379–385.

Rydell, R. J., Rydell, M. T., & Boucher, K. L. (2010). The effect of negative performance stereotypes on learning. *Journal of personality and social psychology*, 99(6), 883–96.

Schmader, T., Johns, M., & Forbes, C. (2008). An integrated process model of stereotype threat effects on performance. *Psychological review*, 115(2), 336–56.

Shih, M., Ambady, N., Richeson, J. a., Fujita, K., & Gray, H. M. (2002). Stereotype performance boosts: The impact of self-relevance and the manner of stereotype activation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 83(3), 638–647.

Shih, M., Pittinsky, T. L., & Ambady, N. (1999). Stereotype susceptibility: Identity salience and shifts in quantitative performance. *Psychological Science*, 10, 80–83.

Steele, C. M; Aronson, J., 1995, Stereotype Threat and the Intellectual test performance of African Americans, *Jornal of Personality and Social Psychology*, 1995, Vol. 69, No.5, 797-811

Steele, C. M.; Aronson, J., 1998, Stereotype threat and the test performance of academically successful African Americans. Em C. Jencks e M. Phillips (Eds.), *The Black–White test score gap* (pp. 401–427). Washington, DC: Brookings.

Steele, C. M., Spencer, S. J., & Aronson, J. (2002). Contending with group image: The Psychology of Stereotype and Social Identity threat, 34.

James Octávio da Silva Paulo – Ameaça de estereótipo: efeitos da identidade racial, percepção intergrupale sexo

Tajfel, H. (1981-83). *Grupos Humanos e Categorias Sociais*, Vol. II, Livros Horizonte, Lda, Lisboa (tradução portuguesa de: *Human Groups and Social Categories: Studies in Social Psychology*, Cambridge University Press)

Thurstone, L. L. & Thurstone, T. G., Manual PMA – Aptidões Mentais Primárias, autores da versão portuguesa: António Menezes Rocha e Maria Helena 4ª Edição, lisboa, 2012

Turner, J.C., Hogg, M.A., Oakes, P.J., Reicher, S.D. & Wetherell, M.S. (1987). *Rediscovering the Social Group: A Self-Categorization Theory*. Basil Blackwell: Oxford.

Vorauer, J D, Main, K. J., & O’Connell, G. B. (1998). How do individuals expect to be viewed by members of lower status groups? Content and implications of meta-stereotypes. *Journal of personality and social psychology*, 75(4), 917–37.

Vorauer, Jacquie D, Martens, V., & Sasaki, S. J. (2009). When trying to understand detracts from trying to behave: effects of perspective taking in intergroup interaction. *Journal of personality and social psychology*, 96(4), 811–27.

Vorauer, Jacquie D., Hunter, a. J., Main, K. J., & Roy, S. a. (2000). Meta-stereotype activation: Evidence from indirect measures for specific evaluative concerns experienced by members of dominant groups in intergroup interaction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(4), 690–707.

Wright, Brian L., Racial-Ethnic Identity, Academic Achievement, and African American Males: A Review of Literature *The Journal of Negro Education*; Spring 2009; 78, 2; Psychology Journals pg. 123

Índice remissivo

Lista de abreviaturas	8
Índice Geral	9
Índice de tabelas	10
Introdução	11
1.1 A ameaça de estereótipo	11
1.2 A Teoria dos Modelos Relacionais	11
2 Objetivos e hipóteses	16
Método	21
3.1 Participantes e design	21
3.2 Procedimento	21
3.3 Instrumentos	23
Resultados	28
4.1 Análise da normalidade da distribuição.....	28
4.2 Relação entre Atenção / Concentração e Escala de aptidões mentais primárias. ..	28
4.3 Relação entre dimensões da escala de aptidões mentais.....	29
4.4 Relação entre ansiedade estado e ansiedade traço.	29
4.5 Influência da ameaça do estereótipo e identidade racial e sexo nas aptidões mentais primárias.	29
4.6 Análise dos meta-estereótipos entre brancos e negros.	29
4.7 Influência da Ansiedade como mediadora da ameaça de estereótipo no desempenho das aptidões mentais primárias.	30
4.8 Influência da ameaça do estereótipo sobre a Comunhão e Autoridade.	31
Discussão de resultados	32
Conclusão.....	34
Bibliografia	34

